

*Teatro Capranica – Roma, 17 de novembro de 2011*

## **“E Deus viu que era bom”**

por Julián Carrón,

presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

“Deus viu que [...] era bom [...] era tudo muito bom” (*Gn 1,4.10.12.18.21.31*). Esta afirmação, repetida seis vezes no primeiro capítulo do Gênesis, exprime a convicção fundamental do povo de Israel sobre a realidade: é boa. Aliás, muito boa. Não é uma afirmação ingênua, feita por algum desavisado que está fora da história real dos homens e das suas aflições. Como sabemos, esses primeiros capítulos do Gênesis não foram escritos no início da história de Israel, mas muitos séculos depois, no final de um longo percurso, no qual Israel não foi poupado a nenhum dos sofrimentos pelos quais outros povos passaram.

E é por isso que a pergunta se torna ainda mais premente: como pode Israel ter uma convicção tão segura da positividade da realidade, depois de toda a sua história ter sido marcada por sofrimentos, tribulações e dificuldades de todo tipo?

Essa atitude do antigo povo de Israel diante da realidade surpreende ainda mais se a colocamos no contexto cultural dos povos vizinhos. De fato, a experiência de dor havia levado outros povos a uma convicção bem diferente: isto é, que a realidade não é toda positiva; ao invés, que existem dois tipos de realidades, a positiva e a negativa. É o que expressa o maniqueísmo: há dois princípios, o bom e o mau, que se refletem numa criação boa e numa criação má. Como é que essa visão maniqueísta não predominou também em Israel?

Somente por causa da sua história. A experiência de Deus feita pelo povo de Israel, mesmo apesar de todas as suas tribulações, foi tão positiva que só lhe restou afirmar a Sua bondade. Deus revelou-se com toda a Sua força salvífica. E a partir dessa experiência eles concluíram: Ele, o salvador, é também o criador; há um único princípio bom na origem de tudo; tudo o que vem de Deus, que é bom, é igualmente bom. Portanto, a realidade é positiva. Foi a presença de Deus no meio do Seu povo que educou os judeus a ver a realidade na sua verdade, ao ponto de não se deixarem determinar pelas diversas tribulações, que lhes poderiam ter impedido um olhar autêntico sobre o real.

Vem-me à mente um exemplo que eu costumava dar aos meus alunos do ensino secundário. Se uns pais levam o seu filho à Disneylândia podemos facilmente imaginar que a criança ficará maravilhada com todas as atrações com as quais se pode divertir. Se estivermos

atentos à reação dela, também nós ficaremos impressionados com o fascínio que o real é capaz de provocar nela. Tudo é captado como positivo. Mas se, por um descuido, a criança se desgarra dos pais e se perde no meio da multidão, tudo adquire um outro sabor para ela. A realidade é a mesma de antes, mas a percepção dela mudou radicalmente. Já não a sente como amiga, mas como uma ameaça, hostil. E só o reencontro com os pais lhe pode restituir a verdadeira percepção da realidade.

Mas o que mais impressiona é que essa positividade da realidade o povo de Israel a compreendeu justamente num momento de crise. Com a perda do templo, da monarquia e da terra, indo para o exílio, Israel foi despojado de tudo aquilo que identificava como o fundamento da sua fé. “Porque andas falando, Jacob, e murmurando, Israel: o Senhor não compreende o meu destino, o meu Deus ignora a minha causa!”. Eles têm a sensação de que foram abandonados, “ignorados”, precisamente por aquele Deus que os elegera. Para responder a essa pergunta, Israel foi obrigado a buscar um fundamento ainda mais firme. É Isaías quem Deus manda em socorro do seu povo, para ajudá-lo a ver bem a realidade que tem à sua volta: “Levantai os olhos ao céu e vede: quem criou tais coisas? [isto é, as águas do mar, a imensidão dos céus, a poeira da terra e as montanhas]. [...] Porventura não sabes? Será que não ouviste? O Senhor é um Deus eterno, que criou os confins da Terra” (*Is* 40,12s.26-28). Quando tudo desaba, há uma coisa que permanece: a realidade e os olhos educados para observá-la.

Com o panfleto “A crise, desafio para uma mudança”, assinado por Comunhão e Libertação, queremos ajudar a observar a realidade a partir da nossa experiência. Trata-se de um juízo sobre a situação em que estamos imersos, que ameaça arruinar a Itália e toda a Europa. Diante desse dado, cada um é chamado e tomar posição.

Em sintonia com a perspectiva descrita no capítulo décimo de *O senso religioso*, de Dom Giussani, a pedra angular da nossa posição está sintetizada na parte inicial do documento pela frase: a realidade é positiva. Todos sentimos em nós próprios e nos outros o choque desse juízo logo que começamos a difundi-lo. Por quê? Por que sentimos esse choque? Será verdade que a realidade é positiva? Esse é o desafio que nós queremos lançar a todos, a nós mesmos em primeiro lugar, porque nós também pensamos que existe uma realidade boa e uma outra realidade menos boa – somos maniqueístas –, e mergulhamos numa situação que nos ofusca, e por isso não conseguimos ver bem o real. Por que sentimos o choque?

Por causa da pretensão que esse juízo contém, na medida em que ele golpeia a nossa mentalidade.

Com este juízo não oferecemos uma interpretação da crise válida unicamente para os católicos, como se disséssemos: “para nós” a realidade é positiva, porque a companhia, o nosso estar juntos, nos “convence” a pensar assim, a nos consolarmos assim. Nós temos a pretensão de que se trata de uma evidência que todos podem reconhecer. Também a esse nível Giussani vem em nosso auxílio: “A positividade face à vida, à realidade, nós não a deduzimos da companhia – seria um magro consolo –, mas nos é ditada pela natureza; a companhia torna mais fácil aceitar isso, mesmo atravessando condições difíceis, situações complexas” (L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, Milão, BUR, 2011, p. 292-293).

A realidade pode ser *percebida* como positiva porque *é* positiva. Não se trata de “batizar” a realidade a partir de um preconceito religioso, de uma visão “piedosa”, mas de reconhecê-la na sua natureza última. A realidade é ontologicamente positiva.

Por quê?

A realidade é positiva porque existe. *Tudo o que existe* existe porque o Mistério permitiu que existisse (tudo, enfim, tem origem num Quid misterioso, nada se faz por si mesmo), provoca e mobiliza a pessoa, representa um convite à mudança, ocasião para um passo na direção do próprio destino. Todas as circunstâncias são estrada e instrumento da nossa caminhada: é *signal*. Enquanto existe, a realidade é provocação e, portanto, ocasião para despertar o eu do seu torpor. Até mesmo a crise, pois ela pressiona com as suas questões.

“A crise – diz Hannah Arendt – obriga-nos a voltar às questões; exige de nós respostas novas ou velhas, mas desde que nasçam de um exame direto; e só se transforma numa catástrofe quando nós procuramos enfrentá-la com juízos preconcebidos, ou seja, com preconceitos, agravando assim a crise e até renunciando a viver essa experiência da realidade, a utilizar essa oportunidade para refletir, que a própria crise constitui” (H. Arendt, *Tra passato e futuro*, Milão, Garzanti, 1991, p. 229).

Mas a irredutível positividade de que falamos não se revela mecanicamente, e sim apenas a quem aceita o desafio da realidade, a quem leva a sério as suas questões, a quem não retrocede diante das urgências do viver. Só quem aceita semelhante desafio poderá encontrar razões adequadas a dar a si mesmo e aos outros para enfrentar a crise. Quantos testemunhos existem de pessoas para as quais as dificuldades se tornaram ocasiões de mudança! Esta é a grandeza do eu que devemos brandir frente à crise; caso contrário já estamos derrotados – mesmo que se resolva a situação financeira –, vencidos na nossa pessoa porque aceitamos ser uma peça da engrenagem das circunstâncias. Para quantas pessoas as situações de sofrimento tornaram possível resgatar uma vida chata, quantos frutos inesperados e surpreendentes nasceram de sofrimentos acolhidos ou de derrotas a partir das quais se deixaram pôr em

causa! Quantos testemunhos de pessoas que, pela mudança e intensidade experimentada, estão agradecidas pelo que lhes aconteceu e que jamais teriam desejado que acontecesse! O que aconteceu foi um meio misterioso para uma retomada do seu eu e de uma compreensão mais profunda da natureza da realidade, que se pensava conhecer.

A realidade é positiva pelo Mistério que a habita. Mas o que é preciso para se captar essa positividade? O que é que exige tal reconhecimento da realidade? A razão; ou melhor, um uso da razão segundo a sua verdadeira natureza de conhecimento do real em todos os seus fatores. Realmente, a razão pode captar a realidade como “dado” vibrante de uma atividade e de uma atração, como provocação e, portanto, como um convite. “Ser razoável significa reconhecer o que acontece na experiência – diz Dom Giussani –. E, na experiência, a realidade surge como positividade [é esse o desafio que Dom Giussani lança ao nosso modo de julgar: na experiência a realidade emerge como positividade]. É tão positiva a realidade que brota na experiência, que inexoravelmente se revela como algo atrativo” (L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, Lisboa, Diel, 2003, p. 125s).

No entanto, se olharmos à nossa volta veremos que, infelizmente, este uso da razão é muito raro; aliás, parece praticamente inexistente. Se a razão não capta esse mistério que constitui o coração da realidade, seu valor mais precioso, o homem cede à tentação de entender de modo sentimental ou moralista a afirmação “A realidade é positiva”, como se significasse que ela é desejável e gratificante, agradável. Como é possível acontecer isso?

Pela nossa fragilidade (uma fraqueza profunda que existe em nós) e pelo condicionamento do contexto cultural e social, pelo poder que nos circunda, este uso da razão muitas vezes é estranho para nós. Por essa fragilidade e por esse condicionamento, quando se depara com uma realidade que mostra uma face negativa e contraditória, a razão – embora sendo originalmente aberta ao real – recua, treme, confunde-se. Basta aparecer um inconveniente no horizonte da vida quotidiana para colocar em dúvida e em discussão a sua positividade. É o que vemos na vida quotidiana: logo que alguma coisa não corre de acordo com os nossos desejos, entramos em crise. Imaginemos, então, diante de uma crise desta dimensão! E a realidade, em vez de sinal de abertura, converte-se em tórumulo no qual todos, tantas vezes, sufocamos.

Foi exatamente a esta situação dramática que o Mistério, ao entrar na história, veio trazer a Sua contribuição decisiva, como o demonstra a história do povo de Israel. No documento sobre a crise fala-se da tradição judaico-cristã como nascente dessa posição humana: com efeito, pela sua própria natureza, a fé é um acontecimento capaz de despertar em cada um o senso religioso, a razão, e de sustentar e realizar a capacidade do homem de estar na realidade

e tratar cada coisa segundo a sua verdadeira natureza; por isso ela nos permite perceber a realidade na sua positividade. Cristo veio no auge da história do povo de Israel justamente para isso: despertar o nosso eu para que possamos enfrentar qualquer desafio. Cristo não prometeu poupar-nos a nada, mas tornar-nos capazes de enfrentar tudo – o que é diferente – e acompanhar-nos até a vitória. Cristo vem hoje também, pois nós, como o povo judeu no momento da crise, estamos numa situação de fragilidade que não conseguimos superar com nossas forças. Cristo não encarnou para nos poupar o trabalho da nossa razão, da nossa liberdade, do nosso empenho, mas para torná-lo possível, porque é isso que nos faz ser homens, que nos faz viver a vida como uma aventura apaixonante, mesmo por entre todas as dificuldades, também e sobretudo em tempos de crise, quando tudo se torna questão de vida ou morte, para não perdermos a cabeça e a alma. Cristo fez-se nosso companheiro para despertar todo o potencial da razão de reconhecer a realidade. Veio para despertar o senso religioso, a fim de que sejamos “mais” homens – colocando-nos em condições ideais para olhar a realidade segundo a sua verdadeira natureza –, e não para fazer de nós “visionários”.

“A cultura dominante de hoje – dizia Dom Giussani – renunciou à razão como conhecimento, como reconhecimento da evidência com a qual a realidade se manifesta na experiência, isto é, como positividade. E renunciou à afeição, à realidade, ao amor à realidade. Renunciou a este amor porque, para reconhecer a realidade tal como ela surge na experiência, é necessário aceitar o impacto que provoca. O homem não aceita a realidade tal como ela se apresenta e quer inventá-la a seu modo [são palavras que agora adquirem outro peso diante da situação financeira, não são palavras ao vento], quer defini-la a seu gosto, quer dar-lhe o rosto que ele mesmo escolhe” (L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, op. cit., p. 127s).

É nesta situação que se entende a relevância histórica da batalha, empreendida por Bento XVI perante a indiferença geral, pela defesa da verdadeira natureza da razão, para “alargar a razão”, por uma “razão aberta à linguagem do ser”, isto é, por um eu capaz de defrontar qualquer desafio.

Dom Giussani descreve assim o caminho para uma “retomada”: “Aceitar a existência como necessidade de construir, como necessidade de alcançar um destino, de ter um objetivo – pois construir quer dizer colaborar na realização de um objetivo, no desenvolvimento e realização um desígnio –; a *racionalidade*, amar a razão, verdadeira guia do homem, luz da experiência; reconhecer a *afeição* como coração do homem, fogo e calor da experiência; e a *liberdade*, de maneira que, ao exercer a sua possibilidade de escolha, ela não se converta em lâmina afiada, em faca que corte ao meio do conhecimento e da afeição, originalmente misteriosa, ativamente construtiva e fascinante, mas seja o abraço da experiência na totalidade dos seus

fatores, sem perder nada do que existe, do que nasce diante dos nossos olhos e toca o nosso coração. A ‘retomada’ é possível se tivermos os pés bem assentes no chão da *natureza*, tal como esta se revela na experiência, tal como se apresenta na experiência, tal como se impõe à experiência quando aprofundada nos seus fatores original” (*Id.*).

Cristo demonstra a sua excepcionalidade justamente a este nível: restituindo o homem a si mesmo. Por isso um senso religioso vivo é a verificação da fé; do mesmo modo, o uso verdadeiro e completo da razão é uma verificação da fé, é a confirmação poderosa e inconfundível da relação reconhecida e vivida com Cristo contemporâneo a cada um de nós. O cristianismo não é um acrescento externo – como uma superestrutura, como um pietismo – à vida do homem, mas esclarece, educa e salva a natureza mesma do homem, ferida mas não anulada pelo pecado original.

“E a primeira consequência (...) é uma esperança inexorável como último sentido do relacionamento com as coisas, como último sentido do caminho entre as coisas: é uma positividade que vence todas as adversidades que experimentamos. Com efeito, São Paulo diz a frase mais revolucionária de toda a literatura universal: *omnis creatura bona*, toda a criatura é boa. [...] Por isso – conclui São Paulo – *omnia cooperantur in bonum*: todas as coisas cooperam para a positividade da sua vida, para o bem” (L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 293-294).

Pouco antes do martírio, São Tomás Moro consolava a filha com estas palavras: “Nada acontece sem que Deus queira, e eu estou seguro de que qualquer coisa que aconteça, por muito má que pareça, será na realidade sempre para o melhor” (Da carta a Alice Alington de Margaret Roper sobre o diálogo que teve com o pai na prisão; cf. Tomás Moro, *Lettere*, Milão, Vita e Pensiero, 2008, p. 385).

Ainda vemos isto: a realidade é sinal. Não somos nós que determinamos que seja assim. *É* assim. A crise convida a todos – a nós e aos outros – a verificar a sua verdade. Como?

A crise é a circunstância que o Mistério não nos poupou – como não poupou ao povo judeu as provações – a fim de que façamos essa verificação agora; na verdade, as circunstâncias são parte essencial, e não secundária, da nossa vocação como homens. Se diante do contexto atual não vivemos a realidade na sua verdadeira natureza, isso significa que a fé não é vivida na sua autenticidade, não é fé cristã e, por isso, não a vivemos como o reconhecimento de uma Presença que exalta a nossa humanidade original. Então a fé é inútil, porque não é capaz de nos fazer viver agora, nesta situação. E uma fé assim passa a ser parte do problema e não da solução. Ao invés, paradoxalmente, a crise pode representar a possibilidade de verificar a conveniência humana da fé, a sua razoabilidade.

Na medida em que aceitarmos esse desafio e realizarmos pessoalmente a verificação, seremos capazes de compreender a experiência que vivemos, de oferecer uma estrada, uma sugestão, capazes de estar diante dos outros com um rosto cultural, de oferecer alguma coisa mais do que as queixas de todos – já temos suficiente –, porque, como repetimos tantas vezes, “a contribuição dos cristãos só é decisiva se a inteligência da fé se tornar inteligência da realidade” (Bento XVI, *Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, 21 de maio de 2010), disse Bento XVI. Ora, se nós aceitarmos este trabalho, poderemos encher-nos de uma tal abundância de experiência que poderemos compartilhá-la no diálogo com todos, e descobriremos em que consiste a incidência histórica dos cristãos.

“A crise, desafio para uma mudança” marca para nós o início e a urgência de uma batalha cultural pública, de CL enquanto tal, antes de mais nada com nós mesmos, que pertence à experiência da fé tal como nos foi comunicada, e que é uma batalha pelo humano. É a tentativa de comunicar aos colegas de trabalho, aos amigos e a quem quer que encontremos, a esperança que existe em nós. Mas seria uma esperança ilusória, sem fundamento, se não fosse sustentada por uma verificação da experiência, por um uso verdadeiro da razão. Como nos testemunha o Papa, os cristãos não serão credíveis sendo mais “piedosos”, mas usando adequadamente a sua própria razão, oferecendo verdadeiramente uma contribuição real – ele próprio pôde testemunhá-lo na viagem à Alemanha, desafiando a todos com um uso diferente da razão.

Só assim poderemos dar uma contribuição verdadeiramente decisiva. Caso contrário, seremos insignificantes – ainda que nos agitemos como todos – para os nossos irmãos homens e falharemos numa missão histórica: dentro da crise, como todos, despertar a esperança. E isso nós, cristãos, podemos fazê-lo – embora sendo frágeis como todos – pelo dom que recebemos e que não podemos guardar só para nós.

O nosso documento sobre a crise é ditado por um juízo: o impulso de cada um é um bem para todos; a energia do eu não se esgota em si mesma, mas constrói um povo. A história da Itália é uma clara demonstração disso, como vimos na exposição sobre os *150 anos de subsidiariedade*: perante situações muito piores do que a nossa – pensemos no pós-guerra, com a Itália destruída –, pessoas movidas por um ímpeto positivo agiram juntas, tomaram a iniciativa e reconstruíram o país.

Dom Giussani é verdadeiramente nosso amigo, porque nos indica em que consiste a originalidade desta batalha cultural. São palavras pronunciadas profeticamente em 1986, durante os gloriosos anos 80, quando o mundo parecia navegar rumo a um futuro radiante e a

crise estava muito distante: “A solução – dizia então – é uma batalha para salvar: não a batalha para parar a astúcia da civilização, mas a batalha para redescobrir, para testemunhar a dependência do homem em relação a Deus. Aquilo que, em todos os tempos, foi o verdadeiro significado da luta humana, quer dizer, a luta entre a afirmação do humano e a instrumentalização do humano por parte do poder, agora chegou ao extremo (...). O perigo mais grave de hoje não é nem a destruição dos povos, a matança, o assassinato, mas a tentativa, por parte do poder, de destruir o *humano* [o nosso verdadeiro recurso]. E a essência do humano é a liberdade, isto é, a relação com o infinito. Por isso, é sobretudo no Ocidente que a grande batalha deve ser travada pelo homem que se sente homem [com todos os homens que se sentem tais]: a batalha entre a religiosidade autêntica e o poder. O limite do poder é a religiosidade verdadeira – o limite de qualquer poder: civil, político e eclesiástico [que seja]” (L. Giussani, “Cristo, tudo o que temos”, *Passos-Litterae communionis*, n. 27, 2002, p. 31).